

**REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA TRAUMÁTICA NO ROMANCE
METAFICCIONAL *MÃOS DE CAVALO*, DE DANIEL GALERA**

Itana Silva Carvalho¹(UESPI)
Silvana Maria Pantoja dos Santos² (UESPI/UEMA)

RESUMO

Pretende-se com este trabalho analisar a representação da memória traumática no romance *Mão de Cavalo*, de Daniel Galera (2010), a partir de fatores que contribuem para o agravamento de perdas e culpas. O narrador-personagem rememora acontecimentos da infância, marcada por agressões, seguidas de outras lembranças não menos traumáticas, vivenciadas na fase adulta. As discussões pautam-se no pensamento de Halbwachs (2006), quando diz que as lembranças particulares ancoram na memória do grupo. Em Freud (1996), ao mencionar que a memória é constituída de traços, sendo estes resultantes do que se conservou ou de uma determinada impressão. Além da visão de Seligmann-Silva (2006) e Levi (1990), no que se tange às marcas de violência evidenciadas no testemunho traumático. Nesse sentido, além de levar em conta as reflexões teóricas já referidas, serão consideradas as estratégias de construção do texto literário. Ao retratar as três fases de sua vida, o narrador-personagem de *Mãos de Cavalo* constrói uma trama dividida entre o passado traumático e a possibilidade de um futuro incerto. Sua postura diante de um passado latente é marcada por morte, sexualidade, as primeiras experiências afetivas carregadas de turbulência, seus próprios conflitos que se revessam entre o sucesso profissional e um casamento fora dos planos. Ante o exposto, a narrativa memorialística de *Mão de Cavalo* estabelece uma certa ocorrência por meio de laços entre acontecimentos chaves, e de uma ordenação fragmentada e de reconstrução de si mesmo, com tendência à compreensão do lugar social do narrador-personagem e das relações com os outros, perante a sociedade.

Palavras-chaves: Literatura. Memória. Trauma.

¹ Especialista em Estudos Linguísticos e Literários, aluno especial do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

² Dra. em Teoria Literária. Profa. do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

1 INTRODUÇÃO

A memória traumática pode ser entendida como o surgimento de uma lembrança que pode ocasionar sempre uma ameaça ao sujeito. Os acontecimentos ressentidos acabam acompanhando durante a vida, por meio da incidência da lembrança, na maioria das vezes, de forma involuntária. A repressão é um mecanismo ativo que ameniza memórias da dor e funciona como defesa do cérebro para poupar o indivíduo do sofrimento. Assim, a vergonha, a humilhação, a dor, a morte são fatores que se tornam desagradáveis, e, como tal, acabam sendo reprimidas, mas não extintas, e trazem de forma inconsciente sensações desagradáveis, causando desconforto.

Ante o exposto, objetivamos com este trabalho analisar a memória e seus impactos do trauma na obra *Mãos de Cavalo* (2010), de Daniel Galera. A motivação para a investigação dessa obra surge do fato de perceber o instigante processo de ressignificação do vivido, sendo uma obra repleta de vozes sociais fragmentada, e de traços da memória individual e coletiva.

Galera estreou na extinta editora Livros do Mal, em que fazia parte como sócio, e onde teve seu primeiro livro de contos publicados e intitulado *Dentes Guardados* (2001). Posteriormente lançou mais três romances: *Até o dia que o Cão Morreu* (2003), *Mãos de Cavalo* que teve sua primeira versão publicada em (2006) e *Cordilheira* (2008) com o qual ganhou os prêmios Machado de Assis de Romance, da Biblioteca Nacional. Ganhou também o 3º lugar na categoria Romance do prêmio Jabuti com o livro *Barba Esponjada de Sangue*. Escritor e tradutor de literatura contemporânea de língua inglesa, Galera escreveu junto com o desenhista Rafael Coutinho o álbum em quadrinho *Cachalote* (2010). Seus contos e livros foram adaptados para o cinema, teatro e histórias em quadrinhos.

A história é narrada por Hermano, protagonista da obra, um homem de poucas palavras cujos segredos são narrados em fragmentos. Marcados por uma tragédia que ocasionou a morte do amigo Bonobo, as primeiras experiências afetivas, os jogos nos finais de tarde com os amigos, o que vai desencadear um processo de revezamento entre o passado, lembranças da infância, adolescência e presente, com o nascimento da sua filha Nara, sua formação como médico, causa nele reverberações futuras.

Sendo uma narrativa contemporânea, o texto rompe com a linearidade tradicional, de modo que o narrador “ergue uma cortina” e o leitor participa das cenas, como se delas fosse integrante.

2 BREVES REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA

A memória é parte essencial da vida humana, e instiga estudos em diferentes áreas do conhecimento. Para Le Goff (1990, p. 423), a memória tem a “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem busca atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passadas”.

Izquierdo (2002) acredita que a memória é a aquisição, formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, recuperação. Só lembramos aquilo que, de alguma forma, nos impactou. Izquierdo (2002, p. 9 - 12) assevera, ainda, que “somos aquilo que recordamos”; com essa afirmação, fica caracterizado que o nosso passado é responsável pelo que somos enquanto sujeitos sociais. E acrescenta:

O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, mas também nos permitem projetar rumo ao futuro; isto é, nos dizem quem podemos ser [...] o conjunto das memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser [...] a coleção pessoal de lembranças de cada indivíduo é distinta das demais, é única. O acervo da memória de cada um nos converte em indivíduos (IZQUERDO, 2002, p. 9-10).

No livro *A arte de esquecer*, Marquez, ao revisitar Izquierdo (2004, p. 59) cita que: “A vida não é o que a gente viveu, mas o que lembramos, e como lembramos dela, podemos contar”. Conclui mais adiante, em poucas palavras, que “até a adolescência, a memória tem mais interesse no futuro do que no passado” (2004, p. 59). Sendo assim, as recordações nos remetem às nossas vivências através das quais adquirimos profundas experiências, sejam elas boas ou ruins, e que em determinados momentos da vida, dela daremos testemunho.

Em contrapartida, dada à fragilidade da memória recorremos ao testemunho do outro para reforçar, completar o que sabemos de um evento individual ou coletivo, ainda que, muitas circunstâncias relativas a ele permaneçam obscuras para nós. Segundo Halbwachs (1990, p.14).

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação desses

diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos de certa forma a uma linguagem.

Portanto, o primeiro testemunho ao qual devemos recorrer será sempre o nosso. Halbwachs (2006) diz que a pessoa sente que nela coexistem dois seres – um deles é o ser sensível, uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente.

A memória traz consigo essa possibilidade de investigação da história, que, por sua vez, procura salvar o passado, para servir ao presente e conseqüentemente ao futuro. Com base nesses conceitos, a partir da observação desses aspectos presentes na obra escolhida para esse estudo, será analisada de que maneira a memória individual é percebida pelo personagem, e como esses traços do passado, que são constantemente rememorados, podem contribuir para a compreensão do comportamento no presente.

3 ANÁLISE DO ROMANCE *MÃOS DE CAVALO*

A narrativa da obra *Mãos de Cavalo* de Daniel Galera é dividida em três partes, a primeira retrata a infância, o ciclista urbano que gosta de andar de bicicleta. A segunda parte retrata a adolescência marcada por um assassinato praticado por jovens delinquentes. E a terceira parte relata a fase de um jovem adulto casado e com uma carreira de médico que vive um casamento fora dos planos.

O personagem Hermano garoto de dez anos de idade, no primeiro capítulo do romance se apresenta como um ciclista urbano, garoto que é apaixonado por esportes e vai vivenciando de forma minunciosamente, as suas experiências, apontando de início os seus tombos de bicicleta.

A bicicleta flutua. Ele cometeu um erro (...). A bicicleta derrapa, ele pensa em se jogar no chão, mas não há tempo, porque a roda dianteira bate no murinho de tijolos que delimita um pequenino carteiro decorado com uma de amores-perfeitos (...) o pé do ciclista preso no quadro da Caloi aro 20 de freio de pé, e rolam e se arrastam abraçados por um punhado de metros, deixando para trás um rastro de poeira (GALERA, 2010, p.15).

O protagonista rememora neste trecho acima, como ocorreu o episódio da queda de bicicleta, e desta forma, remete aos machucados as marcas do perigo que sofreu, e que teve

coragem suficiente de percorrer caminhos desconhecidos, remetendo desta forma, a ideia de coragem.

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação desses diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembranças, porque a traduzimos de certa forma a uma linguagem (HALBWACHS, 1990, p. 14).

Neste caso, é perceptível que a consciência não esteja jamais fechada sobre si mesmo, nem tampouco vazia, solitária. Acontece de fato é que somos arrastados em múltiplas direções, como se as lembranças fosse de certo modo um ponto de referências que permitem situar em meio a várias e contínuas experiências coletivas, históricas, individuais, no qual sempre teremos histórias para rememorar.

A parte inicial intitulada de *Mãos de Cavalo*, recebe esse nome por causa do comprimento exagerado dos braços e das mãos de Hermano, possantes como as de um estivador nórdico, para um garoto de apenas quinze anos de idade. Nesta parte, são narrados acontecimentos de jovens do subúrbio da cidade de Porto Alegre. Hermano narra a sua experiência de vida, cuja adolescência foi marcada por uma tragédia.

O protagonista de *Mãos de Cavalo* é um homem de poucas palavras. É um jovem adulto, casado com Adri, que vive uma crise no casamento, com formação em medicina. Apesar da estabilidade financeira, Hermano mostra-se angustiado, tentando superar seus conflitos voltando-se com obsessão, desde crianças, a esportes radicais.

Hermano vive à sombra do trauma da infância: presenciou a morte de Bonobo, que foi espancado brutalmente por seu vizinho conhecido por Uruguai. Conseguiu se esconder da perseguição e, de uma certa distância, presenciou o brutal assassinato do amigo. E as cenas de violência, trauma, medo foi carregado durante anos por Hermano.

[..] o trauma, para Freud, é caracterizado pela incapacidade de recepção de um evento transbordante, ou seja, trata-se, portanto, de uma incapacidade de recepção de um evento que vai além dos limites da nossa percepção e torna-se para nós algo sem forma. Essas vivências levam posteriormente a uma compulsão à respeito de uma cena traumática (FREUD, 2006, p. 84).

As cenas traumáticas não carregadas pelas nossas memórias, vivências, sendo a memória de caráter fragmentário, o sujeito busca sempre dar um sentido ao passado,

procurando, de certa forma, conciliar a desproporção da imaginação e o evento traumático, como a dor, a humilhação, a morte. Neste sentido, entende-se que a memória ocasionada por experiência traumática acaba não sendo um processo linear, cronológico ou racional, e sim uma memória de um passado conflituoso com momentos latentes, de silêncio e esquecimento. Assim, Hermano vai procurando se esquivar dessa lembrança sobrepondo outros fatos do seu cotidiano apático. Segundo Schollhammer (2009, p. 149).

Galera escreve no registro da memória, seletiva e ordenada, e do presente, intenso e em ato, sobrepondo-se como se fossem ordens paralelas com uma independência inicial que logo se mostra ilusória. Os três personagens e as três histórias em realidade formam uma história única. Seus planos temporais convergem para um episódio traumático que envolve covardia, traição e apagamento.

A sua passividade diante da morte do amigo foi o que veio nortear suas escolhas no futuro. O narrador vai filtrando a sensação de impotência de Hermano e, gradativamente, acentuando seus conflitos: “[...] tinha ficado covardemente escondido dentro do mato enquanto um espancamento acontecia a poucos metros de distância. [...] Hermano sentiu-se imediatamente cúmplice devido a uma covardia que finalmente se mostrava inteira e que ele estava convencido em manter em segredo [...].” (GALERA, 2010, p. 173).

Nessa perspectiva, os traços do passado de Hermano o fazem sentir culpado pelo peso que carregava, silenciosamente, durante anos.

Trinta metros, e Hermano vê toda cena do alto, o carro se aproxima em alta velocidade do cenário do combate. Eram oito a nove contra dois, e neste momento sente que precisa enfrentar todos dessa vez. Crava o pé no freio e o carro derrapa na direção da gangue, abre a porta do carro e sai com o *piolet* na mão. O garoto caído no chão e sem sair do lugar, rosto besuntado de sangue. O garoto toma mais um chute na cabeça, Hermano começa a entrar na briga e tanto apanha como bate, e finalmente dominado pela fúria, ao invés de se proteger ou recuar parte para cima com o *piolet* em riste. Consegue dominar a gangue e ao término da briga leva o garoto para o hospital para fazer curativos.

Após o acontecimento, Hermano passar à ter sensação de libertação. É neste momento que o gosto de covardia tem outro sabor; ele engole o sangue, a sofreguidão e “lambe os beijos”. “[...] Sente gosto de sangue... não de covardia. Não é a primeira vez, mas dessa vez é o sangue da bravura, não da covardia. O gosto é outro.” (GALERA, 2010, p. 151).

Essas percepções acarretariam “uma reação emocional desproporcional a uma circunstância do presente não é do presente, mais sim do passado”. Tal reação ocorre devido à uma experiência traumática do passado, que seja maior que tal circunstância do presente. Essa ocorrência pode ter sua origem numa circunstância do passado, como um susto, uma dor, uma ameaça ou até mesmo uma cena de morte (FREUD, 1996, p. 96).

A afirmação indica que em muitas situações traumáticas a memória construída passa a ser de caráter fragmentário e contém lacunas que dificilmente serão preenchidas.

Sendo a memória de caráter fragmentário, o sujeito busca sempre dar um sentido ao passado, procurando, de certa forma, conciliar a desproporção da imaginação e o evento ocorrido que o deixou traumatizado, como a dor, a humilhação, a morte. Neste sentido, entende-se que a memória ocasionada por experiência traumática acaba não sendo um processo linear, cronológico ou racional, e sim uma memória de um passado conflituoso com momentos latentes, de silêncio e esquecimento.

Como diz Saligmann-Silva (2006, p. 210-211): “o passado relativo a uma experiência traumática precisa ser condenada ao esquecimento em sua totalidade, como se a representação e significação pudesse ser interdita”.

Experiências traumáticas, ao serem relatadas não são assimiladas de imediato. Além disso, o testemunho passaria a ser dado não só dos fatos violentos, mas da resistência à sua compreensão.

Jelin (2001) enriquece a discussão afirmando que o sofrimento do trauma pode impedir a vítima de uma comunicação, que acarretaria o impedimento do testemunho, e conseqüentemente a narração das memórias, pela dificuldade que teria de simbolização.

Assim, percebe-se que nem sempre é possível a construção de imagens por meio do processo de rememoração, mas é importante que o sujeito tente reconstruí-las, como possibilidade de suportar e sobreviver ao ocorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa memorialística de *Mãos de Cavalo* estabelece certa ocorrência por meio de fatos presente/passado que se entrelaçam. O narrador personagem rememora fatos que marcaram a sua trajetória de vida, vivenciando uma constante culpa, mas a vida o colocara frente a frente com uma situação semelhante ao que vivera na infância, o que lhe permitiu salvar a vida de um desconhecido, adolescente, proporcionando um novo sentido à sua vida.

Assim, a lembrança traumática que o perseguira durante longos anos fora atenuada a partir do gesto solidário.

A experiência traumática não foi rememorada de imediato, o leitor só toma conhecimento do ocorrido nas cenas finais da narrativa, isso nos leva a compreender que o testemunho de fatos violentos importa menos que a resistência à sua compreensão.

REFERENCIAS

FREUD. **Mal-estar na civilização**. São Paulo: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos (I) (1900-01)**. In: ESB, Obras Psicológicas Completas. Vol. IV Rio de Janeiro – Imago, 1996.

GALERA, Daniel. **Mãos de Cavalo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

_____. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Arthed, 2002.

_____. **Questões Sobre Memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

_____. **A arte de esquecer**. Cérebro, Memória e Esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

JELIN, Elizabeth. **Los tabajos de la memória**. Siglo Veintiuno editores. Espana, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: História e Memória. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

_____. **História e memória**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

SELLIGMANN-SILVA, M. Novos escritos dos cárceres: uma análise de caso. Luiz Alberto Mendes, 'Memórias de um Sobrevivente', **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. nº 27, Brasília, janeiro/junho de 2006

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.